

Revista Posição

Vol. 02, num. 08, Out.-Dez. de 2015

Uma publicação do GPDS – Grupo de Pesquisa Dialética e Sociedade
Faculdade de Ciências Sociais – Universidade Federal de Goiás



Revista Posição

SUMÁRIO

Sua posição, suas escolhas! Editorial	03
Os Sete Pecados Capitais e o Pesquisador Oficialmente Reconhecido José Henrique de Faria	08
Capitalismo, TICs e Consumismo Jéssica Finger	13
O Fogo Utópico e a Recusa da Mediocridade Nildo Viana	15
Medicina no Capitalismo: Refém de Patentes, Segredos Comerciais e Concorrência (Parte 01) Gilson Dantas	18
A Mesmice Telejornalística Ronaldo Queirós	23

Revista Posição

SUA POSIÇÃO, SUAS ESCOLHAS!

A vida de um ser humano é marcada por muitas escolhas. O ser humano é um animal que escolhe e faz isso o tempo todo. Ele escolhe a roupa que vai vestir, o time de futebol que vai torcer, o programa de TV que vai assistir, o que fará no tempo livre, a música que irá ouvir, o candidato em que irá votar, a pessoa que irá se enamorar, a comida que irá comer, o estilo que vai adotar, a conversa que vai realizar. Os exemplos poderiam se multiplicar facilmente. Desde que acordamos até quando dormimos realizamos escolhas. Somente dormindo ou morto é que não se escolhe nada.

A pessoa escolhe se é a favor do *impeachment* de Dilma Roussef ou contra, se é a favor do vice assumir ou nova eleição. Se ele vai se posicionar diante disso ou não. Existem escolhas e mais escolhas. Escolhas mais ou menos importantes. Vou na lanchonete lanchar, o que escolherei? Pão de queijo? Pastel? Esfirra? Enroladinho de queijo? Vou assistir TV e escolho o canal. Escolho me informar através de jornais ou me divertir com um desenho animado ou vídeo de humor do youtube?

Assim, o animal que escolhe continua escolhendo. E não abre mão de escolher. Cotidianamente, diariamente, insistentemente. Ele também escolhe as ideias em que acreditará e defenderá. Essa escolha cotidiana, das coisas mais triviais às mais importantes, dão a impressão de que o indivíduo é livre. Assim, ele confunde espontaneidade com liberdade¹. Esse animal nunca, ou raramente, se pergunta, o que talvez ocorra com alguns indivíduos da espécie com mais frequência que outros, como ele realiza suas escolhas. Para a maioria, é algo que brota de sua cabeça como cogumelos brotam da terra. Um acontecimento natural ou mágico e misterioso. Essa

¹ A este respeito, veja o artigo publicado na Revista Posição: <http://redelp.net/revistas/index.php/rpo/article/view/2viana6/222>

Revista Posição

explicação é a fornecida até por pessoas que escolheram ser “materialistas”, “agnósticos”, “ateus”, “antirreligiosos”, “pós-modernos”, “céticos”. Eu escolho livremente e escolhi isso. “Sou livre e minha liberdade, no fundo, quer dizer falta de determinação (ou “causalidade”), de influência, de pressão, de história, de socialização, de elementos psíquicos, sociais, culturais, é livre de valores, interesses, circunstâncias”. Claro que nem todos dizem isso, apenas os mais estúpidos. “Eu sou livre para escolher, diz o menos estúpido, mas sou limitado pelas opções que estão à minha frente”. “Se no restaurante não tem peixe, que eu escolheria, então escolho frango! Mas fui eu que escolhi!”.

O animal que escolhe foi escolhido antes de escolher. Para alguns, uma força misteriosa escolheu a família em que ele iria nascer, a sociedade, a época, o país, a classe social, a raça, o sexo, o bairro, entre milhões de outras escolhas não escolhidas pelo escolhedor. O animal que escolhe pode escolher suas ideias, sua posição política, seu time de futebol. A realidade limita as escolhas, tal como alguns percebem. Muitas vezes falta o time de futebol ideal, a mulher ou homem ideal, o político ideal, o partido ideal, a comida ideal, a música ideal. Então se escolhe o “melhor” dentro das possibilidades existentes ou o “menos ruim”. Embora não se escolha o país em que se nasceu, a família e parentes, entre milhares de outras coisas. A realidade é um obstáculo para o animal escolhedor.

O que a maioria se esquece é que não é só a realidade material e social que é um obstáculo para suas escolhas supostamente livres. Eles se esquecem que não escolheram o país em que nasceram e que por isso a cultura, o idioma e um conjunto de outras escolhas não foram próprias. Se tivesse nascido nos EUA, falaria inglês, com tudo que isso significa, teria uma cultura americana e dependendo da classe, raça, região, etc., uma cultura particular, renda determinada, acesso a bens e relações determinadas. Dependendo da família, outras tantas determinações. Se fosse no Brasil, seria outra cultura, outro idioma e isso iria variar dependendo da classe, família, raça, sexo, região, etc. O corpo também possibilita ou limita as escolhas. Alguém que tem um

Revista Posição

metro de altura é considerado anão em certas sociedades e realiza escolhas a partir dos limites de sua altura, de como a sociedade vê pessoas de sua estatura, entre outras determinações. As suas escolhas são realizadas por sua mente e essa é produzida socialmente. De nada adiante escolher coisas marginais, pois elas não só existem para ser escolhidas, como a escolha já foi predeterminada. Os mecanismos de escolha, a sua mentalidade, foi formada social e historicamente. Por isso, é preciso ampliar a sua mente para perceber que foi escolhido antes de escolher e que assim deve refletir criticamente as suas escolhas. Somente se percebendo como ser determinado e entendendo a realidade circundante, é que poderá lutar pela liberdade. A ilusão de liberdade de escolha é um obstáculo para a luta pela liberdade real. O ser humano, mais que um animal escolhedor, é um animal escolhido.

Os valores fundamentais do indivíduo são formados social e historicamente, bem como seus sentimentos mais arraigados e suas concepções mais profundas. Essa mentalidade é formada socialmente e é o que direciona tendencialmente suas escolhas, dentro de um contexto social delimitado, dentro de sua inserção no mesmo e de suas possibilidades e interesses. Na sociedade feudal, ninguém poderia escolher ser um capitalista, pois isso era impossível. Hoje, milhões podem “escolher”, mas não poderão concretizar tal escolha. Da mesma forma, uma pessoa de um metro de altura pode escolher fazer de conta que tem um metro e setenta. Essa escolha não irá mudar sua altura, apenas como se vê e age e, por conseguinte, como será visto pelos outros, provavelmente como um *anão maluco*. Se a loucura na sociedade se tornar generalizada, os outros vão vê-lo da mesma forma como ele se vê, mas continuará sendo uma pessoa de um metro que faz de conta que tem um metro e setenta e estará submetido às determinações de sua altura, por mais que a fantasia própria e social digam que não.

Voltamos ao ponto de partida. Nós fazemos milhões de escolhas diariamente, das mais importantes às mais insignificantes. Antes de nós escolhermos, no entanto, o mundo foi escolhido e nós fomos escolhidos. Podemos, como a pessoa de um metro que

Revista Posição

faz de conta que tem um metro e setenta, fazer de conta que escolhemos livremente e isso não nos fará mais livres. Da mesma forma, se um prisioneiro considera que as grades que lhe prendem são as mais belas do mundo, a cama na qual dorme a mais confortável do universo, e que tudo foi escolhido por ele, será um prisioneiro iludido com uma suposta liberdade e mais tranquilo e conformado. Porém, se quiser a liberdade real, deve começar a entender que está numa prisão e o faz-de-conta não muda a realidade, apenas o seu estado de espírito, que se torna conformista. As escolhas precisam ser refletidas, conhecidas, entendidas, percebidas em sua relação com a totalidade do mundo, bem como suas consequências, determinações, etc. Saber que escolhemos diariamente coisas que já estavam escolhidas, principalmente as mais importantes, nos ajuda a ter uma maior autonomia nas escolhas. Quanto mais importante o que deve ser escolhido, menor a liberdade de escolha. A sua liberdade de escolher o presidente da república pode não resultar em nada, se ele não for eleito. Ou pode escolher entre os que já estão escolhidos para ter possibilidade de vencer. A sua escolha do síndico do prédio já é uma liberdade que pode resultar em alguma coisa. A escolha do canal de TV que vai assistir é bem maior, mas bem menos importante. Todas essas escolhas já foram predeterminadas, bem como sua possibilidade de concretização.

O conjunto das nossas escolhas está relacionado com a sociedade e a história, bem como nossa história de vida, que explicam nossa mentalidade. Também explicam nossa covardia, nossos medos, nossa coragem, nossa audácia. Explicam como pessoas escolhem mentiras ao invés da verdade, por vaidade, interesses, medo, pressão social, querer provar algo a alguém, entre diversas outras motivações. Explicam, ao lado das relações sociais concretas que vivemos hoje e nossa inserção nela, nossas escolhas. Se percebemos que uma das principais determinações de nossas escolhas é nossa mentalidade, que remete para nossos valores, sentimentos e concepções, então se quisermos ser realmente superar as determinações que nos sufocam e nos fazem sofrer, devemos refletir e repensar esses valores, sentimentos, concepções e recordar o seu processo de formação e saber a que interesses, processos, pressões, possibilidades, eles

Revista Posição



se relacionam. Uma autorreflexão é fundamental tanto para superar a ilusão da liberdade de escolha, como para criar parâmetros mais autônomos para nossas escolhas. E isso pressupõe avanço do desenvolvimento da consciência, ampliação do saber sobre a história, a sociedade, o indivíduo, a mentalidade. A recusa da reflexão, da razão, é uma recusa da liberdade. É a posição dos conformistas. A escolha da razão e da teoria é a daqueles que são inconformistas. Desde que não seja razão cega ou dogmática, apenas reprodução acrítica de pensamentos, ideologias, etc., ela é uma das chaves para a luta pela liberdade real. Qual sua posição? A escolha é sua. O caminho fácil do conformismo ou o caminho difícil da luta pela liberdade.